



**CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NO
ROMANTISMO LATINO-
AMERICANO:
APROXIMANDO *FACUNDO*, DE
SARMIENTO, E O *CABELEIRA*,
DE FRANKLIN TÁVORA**

.....
ANITA MORAES
.....

UNICAMP

The objective of this analysis is to unveil a particular moment in Latin America where the definition of identity was strongly anchored in the dichotomy “Civilization and Barbarism.” In the present article, I approach *Facundo* (1845) by Argentinean Domingo Faustino Sarmiento, and *O Cabeleira* (1872) by Brazilian Franklin Távora, with the intention of exploring the characteristics of this dichotomy in both, Sarmiento’s and Távora’s discourses.

CRÍTICA

A noção de civilização forja-se no chamado mundo ocidental como destinada a servir-lo em seus esforços de descrição de seus próprios processos históricos e na classificação de diferentes povos. Participa desses esforços o de prescrever ações individuais e coletivas. É na prescrição do “dever ser” que a noção de civilização adquire a força de um valor. Entre o “fato”, a pretensão descritiva, e o “valor”, os anseios normativos, forja-se, com o advento das Luzes, a palavra civilização (Starobinski 11-13). Longe de ter uma referência precisa, é noção complexa, convergente de noções diversas como urbanidade, progresso técnico, cultura das artes e ciências. Na medida em que se imbuí de valor, a categoria “civilização” é disputada, vigorando em discursos diversos, até mesmo aparentemente antagônicos. Ao longo do século XIX e do XX, os colonialismos (britânico, francês, português, belga, etc.) recorreram a esta noção convergente (e bastante elástica), configurando ideologias imperiais afins com seus interesses. Porém, a dicotomia civilização e barbárie, e mesmo a ideologia imperial que nela se funda (cuja deformação maior consiste em defender como progresso situações coloniais, de exploração e violência), foi decisiva na formação não apenas das novas colônias (Appiah; Mudimbe; Said), mas também no processo de formação das novas nações latino-americanas (Berriel).

A ficção romântica brasileira de caráter regionalista, em particular aquela que se dedica à “violência no campo”, recorre à dicotomia civilização e barbárie na construção do espaço rural em oposição ao espaço urbano (Candido 342-3). No romance *O Cabeleira* (1876) de Franklin Távora, a composição das noções de civilização e barbárie é central. Parece-nos que uma aproximação entre este romance e a importante obra *Facundo* (1845) do argentino Domingo Faustino Sarmiento, permite-nos destacar a composição destas noções nas duas obras oitocentistas. Permite-nos ainda notar um empreendimento comum entre intelectuais brasileiros e argentinos envolvidos com a construção de suas respectivas nações: o recurso à dicotomia civilização e barbárie para o estabelecimento de distinções entre

espaços (o interior e o litoral) e de projetos de nação que se confundem com um “projeto civilizador”, tomando as formas de uma conquista colonial.¹

Contar a vida do terrível Cabeleira, pondera Franklin Távora, bandido cruel, lembrado pela poesia popular, tem uma intenção precisa: importa narrar a vida desse criminoso porque ele poderia não ter sido o “facinoroso” que foi, não fossem algumas circunstâncias que o desviaram do “caminho do bem”. O romance *O Cabeleira* ocupa-se justamente de apontar sob quais circunstâncias homens são reduzidos a feras:

“Merecem-nos particular meditação, ao lado dos que aí se mostram dignos da gratidão da pátria (...), alguns vultos infelizes, em quem hoje veneraríamos talvez modelos de altas e varonis virtudes, se certas circunstâncias de tempo e lugar, que decidem dos destinos das nações e até da humanidade, não pudessem desnaturar os homens, tornando-os açoites das gerações coevas e algozes de si mesmos. Entra neste número o protagonista da presente narrativa, o qual se celebrou na carreira do crime, menos por maldade natural, do que pela crassa ignorância que em seu tempo agrilhoava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais.” (31)

De maneira análoga: se nascido nos domínios da civilização, Facundo, dotado do temperamento privilegiado daqueles que nasceram para mandar, provavelmente teria sido grandioso. Mas a vida no campo, considera Sarmiento, marcada pela mais aguda ignorância, destina-o à ferocidade. “A sociedade em que nascem dá a maneira especial de manifestar-se: sublimes, clássicos, por assim dizer, vão à testa da humanidade civilizada em alguns lugares; terríveis, sanguinários e malvados, em outros são sua mancha, seu opróbrio” (87). Sarmiento, como Távora, dispõe-se a contar a história de um homem das campanhas, privado das práticas civilizadoras próprias da cidade. Ambos preocupam-se em definir as causas do caráter

brutal de suas personagens ancorando-se na oposição cidade / campo – litoral / sertão; litoral / pampas. O descrédito do mundo rural perpassa as duas obras: o sertão e os pampas geram feras pois, não sendo amparados por instituições civilizadoras, seus homens não têm chance de se humanizar. Alheios à humanidade civilizada, sertão e pampas são lugares de barbárie.

Em que consiste a barbárie do campo? Civilização, como lembra Starobinski, é um “conceito unificador” das luzes em que convergem valores e práticas eminentemente urbanos, “abrandamento dos costumes, educação dos espíritos, desenvolvimento da polidez, cultura das artes e das ciências, crescimento do comércio e da indústria, aquisição das comodidades materiais e do luxo” (14). O civilizado, urbano ou cortesão, opõe-se ao bárbaro como ao rústico ou vilão (Elias 23-64).

“A versão sarmientina [da dicotomia civilização/barbárie] recolhe uma série de lugares comuns que circulam no ocidente desde a antigüidade greco-latina, sofrem uma redefinição substancial com a sociedade de corte em meados do XVI, e são submetidos a uma nova formulação em finais do XVIII e nas primeiras décadas do XIX, momento em que esta corrente de sentido consolida um conceito particular de civilização, de cunho urbano-republicano-burguês, principalmente elaborado na França.” (Gárate 65)

Além de convergir dicotomias e valores pré-existentes, a palavra civilização sugere movimento, processo: “a palavra civilização, que designa um processo, sobrevém na história das idéias ao mesmo tempo que a aceção moderna de progresso. Civilização e progresso são termos destinados a manter as mais estreitas relações” (Starobinski 15). Em *Facundo* e *O Cabeleira*, além de afirmar-se a dicotomia campo / cidade e torná-la análoga à civilização / barbárie, clama-se a expansão da civilização e que os homens do campo sejam “salvos da barbárie”. Acresce-se à especialização, à definição de regiões civilizadas em oposição a regiões selvagens,

a temporalização: haveria, no decorrer da “História da humanidade”, períodos de selvageria e barbárie (este após o outro) que antecederiam a civilização (Mudimbe 44-64). A suposição de uma evolução, de um progresso da humanidade, leva a considerar como “perdidas no tempo” as formas de humanidade que não participam da categoria “civilização”. As sociedades tribais seriam “primitivas”; as rurais, “arcaicas”.

Novamente, em que consistiria, em *Facundo* e *O Cabeleira*, essa barbárie? Tudo o que parece ser próprio do campo e avesso à cidade: isolamento das famílias, trabalho braçal, matas virgens, inexistência de escolas, de polícia, de instituições públicas em geral. Sarmiento considera “devastações da barbárie” deixar que rios navegáveis, que levariam imigrantes europeus a todos os recantos do privilegiado chão argentino, mantenham-se “entregues às aves aquáticas” (13). “A cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, européia: ali estão as oficinas de arte, as casas de comércio, as escolas e colégios, os juizados, tudo, enfim, que caracteriza os povos cultos” (31). Na luta contra a barbárie, cidades devem povoar o interior, margear seus rios: “à sombra de um governo simpático aos europeus e protetor da segurança individual, ter-se-iam povoado nos últimos vinte anos as margens de nossos rios e realizado os mesmos prodígios que em menos tempo se consumaram no Mississipi” (287). Na mesma direção, considera Távora, no prefácio a seu romance:

“– Que não seria deste mundo – pensei eu, descendo das eminências da contemplação [do rio Amazonas] às planícies do positivismo –, se nestas margens se sentassem cidades; se a agricultura liberalizasse nestas planícies os seus tesouros; se as fábricas enchessem os ares com o seu fumo e neles repercutisse o ruído das suas máquinas? Desta beleza, ora a modo de estática, ora violenta, que fontes de rendas não haviam de rebentar? Mobilizados os capitais e o crédito; animados os mercados agrícolas, industriais, artísticos, veríamos aqui a cada passo uma Manchester ou uma Nova Iorque. A praça, o armazém, o

entreposto ocupariam a margem, hoje nua e solitária, o cômodo sem vida e sem promessa; o arado percorreria a região que de presente pertence à floresta escura. O estado natural, espancado pelas torrentes de imigração espontânea que lhe viessem disputar os domínios improdutivos para os converter em magníficos empórios ter-se-ia ido refugiar nos sertões remotos donde em breve seria novamente desalojado. Uma face nova teria vindo suceder ao brilhante e majestoso painel da virgem natureza. Não se mostrariam mais aqui as tendas negras da fome e da nudez. O trabalho, o capital, a economia, a fartura, a riqueza, agentes indispensáveis da civilização e grandeza dos povos, teriam lugar eminente nesta imensidade onde vemos unicamente águas, ilhas, planícies, seringais sem fim." (26)

Não é à toa que ambos fazem uso de exemplos americanos e não europeus, apesar de ser a Europa o foco irradiador da civilização. O exemplo norte-americano faz crer nas grandes possibilidades de se transplantar a civilização européia para as Américas (Candido). Desconsiderando por completo os povos indígenas destas terras, elementos antes de barbárie que de civilização, deseja-se que sejam povoadas por imigrantes capazes de ensinar ao americano como explorá-las (Gárate 120-121). Mercado, comércio, indústria, são palavras que giram em torno da palavra civilização. Távora menciona a agricultura como prática desbravadora, primeira ação civilizadora que põe abaixo a floresta escura.² Tanto Távora como Sarmiento sugerem ser própria da barbárie ou das regiões pouco povoadas, a natureza não tratada, sinônimo de pobreza; e da civilização, das cidades, riqueza e fartura. À dicotomia civilização / barbárie e cidade / campo, associam-se outras: riqueza / pobreza, natureza transformada / natureza intocada. O conjunto de técnicas que tornam a natureza em riqueza, como tudo o que se considera ser essa riqueza, parece definir o que seja civilização. Há, ainda, um traço, privilegiado por nossos dois autores, que não tem propriamente a ver com riqueza,

constituindo-se também num conjunto de técnicas e práticas que tratam e refinam a natureza, mas a natureza do homem: a cultura do espírito, das maneiras, a polidez.

A "brutalidade" e o "caráter sanguinário" de nossos dois heróis, Cabeleira e Facundo, não teria maior causa que o parco desenvolvimento da inteligência acompanhado de excessivo desenvolvimento da força física (White 187). Não tendo acesso nenhum à escola, como Cabeleira, ou apenas ao ensino mais básico, como Facundo, nossas personagens são privadas da formação que canalizaria sua vocação grandiosa a serviço da civilização. A ignorância, "que em todas as terras e em todas as idades tem sido considerada com razão a origem das principais desgraças" (Távora 63), parece levar Cabeleira e Facundo a agir sob o domínio de baixos instintos. Sendo a escola uma instituição eminentemente urbana, funcionando de acordo com a vida das cidades, é impraticável em regiões remotas: "Onde colocar a escola para que cheguem a receber lições as crianças disseminadas há dez léguas de distância, em todas as direções? Assim, pois, a civilização é de todo irrealizável, a barbárie é normal – e precisa se dar graças se os costumes domésticos conservam algum resquício de moral" (Sarmiento 36). Onde não pode chegar a escola, não há civilização (Candido 343). Associada ao ensino está a religião cristã, que, em *O Cabeleira*, ganha destaque: a esta instituição deve-se, na sugestão do romance de Távora, o "resquício de moral" apontado por Sarmiento.

Cabeleira, ou José, é filho de boa mãe, Joana, e abominável pai, Joaquim. A primeira, devota a Deus; o segundo, incrédulo. Joaquim é baixo, corpulento, desarmonioso nas formas; ao contrário do filho, bem feito de "vigorosas formas". O narrador nos lembra que "por seus predicados naturais [José/Cabeleira] não estava destinado a ser o que foi" (62), ao contrário do pai, cuja bestialidade é denunciada pelo desajeitado físico. Joaquim, "gênio da destruição", não deixa, por sua vocação ao mal, de ser vítima. Regido por "baixas paixões", "que à sombra da ignorância, da impunidade e das florestas haviam crescido sem freio e lhe tinham apagado os lampejos da consciência racional que todo

homem traz do berço” (30), sua disposição ao mal foi exacerbada pelas circunstâncias, por viver imerso na barbárie. No seio da civilização, sua consciência encontraria abrigo, possibilidade de se desenvolver.

Religião e civilização aproximam-se nesse romance. Cabeleira teria melhor destino se sob a guarda da mãe que, apesar de ignorante, entendia das leis de Deus. O narrador não se imiscui da explicação: na falta de escolas, as práticas religiosas, mesmo que de forma menos vigorosa, educam o povo. A reza do terço é “prática geral a que em grande parte se deve referir o adoçamento dos costumes dessas povoações antes de haverem sido dotadas com as escolas e com os institutos de educação que atualmente as disputam à ignorância com mais vigor e proveito” (102). Cabeleira, arrancado do seio materno, bom e cristão, perde-se na floresta escura com o diabólico pai. Redime-se quando reencontra Luisinha, companhia igualmente virtuosa e cristã. A mulher, esclarece o narrador, se em circunstâncias favoráveis (expostas ao meio social e em convívio com entes esclarecidos), com sua doçura e devoção, influencia positivamente na formação dos costumes. “As suas forças [da mulher] elevam-se à altura das potências triunfantes, onde quer que seja o mundo moral, não o caos, mas uma criação grandiosa e harmônica, em conformidade às leis da estética cristã e às altas conquistas da civilização” (62).

Starobinski sugere na palavra civilização um “substituto laicizado da religião” (14). Seu caráter dinâmico e expansionista reencenaria o movimento de catequese. Em nome da civilização far-se-á o que fora feito pela religião: absorção e desaparecimento de outras culturas no seio da civilização ocidental (Mudimbe 47). O elogio à catequese reforça a aproximação: ao elogiar a cadeira episcopal de Olinda, o narrador de *O Cabeleira* conta-nos das virtudes de um bispo que havia despendido todas as rendas “na sustentação das trinta missões de índios que reunira e visitara no seio de inóspitos sertões” (54). No entanto, apesar de dedicar vários dos “apontamentos históricos” que atravessam o romance a figuras eclesiásticas e de, em sua trama, destacar positivamente a religião, esta revela-se sujeita a revisão sob a luz do progresso:

Quanto mais medito sobre este assunto, mais me parece que o evangelho que ensina a pobreza voluntária, considerada, pela moderna ciência, um absurdo econômico, e um impossível social, é antes um código de moral prática sujeito à revisão da sabedoria dos tempos, do que um corpo de leis de uma religião imutável” (194).

No que confronta o ideal de civilização em sua versão oitocentista, “de cunho urbano-republicano-burguês” (Gárate 65), a religião deve ser reformada.

Em *Facundo* destaca-se o que a religião teria de arcaica, opondo-a à civilização e instaurando nova dicotomia, análoga à barbárie / civilização, a dicotomia arcaico / moderno. Córdoba, em oposição a Buenos Aires, é domínio da religião, tendo, portanto, aspecto medieval. Se em termos espaciais a fronteira entre civilização e barbárie está entre a Europa e o restante do mundo – com ressalvas à América do Norte –, em termos temporais, a fronteira da civilização com a barbárie data do advento das Luzes. A Espanha, atrasada, anacrônica, como a Córdoba argentina, vive à maneira medieval. Para o progresso da civilização das Américas, a França é o grande farol.

Tanto em *O Cabeleira* como em *Facundo*, estabelece-se, dentro da religião, nova dicotomia: religião da cidade *versus* religião do campo, ou verdadeira religião *versus* religião deformada. A religião cristã é deformada no campo, conta-nos Sarmiento, reduzindo-se à religião natural: “Eis ao que se reduziu a religião nas campanhas pastoris: à religião natural. O cristianismo existe, como o idioma espanhol, numa espécie de tradição que se perpetua, mas corrompido, encarnado em superstições grosseiras, sem instrução, sem culto, e sem convicções” (37). Como superstição grosseira, o narrador de *O Cabeleira* fala da crença de Florinda, mãe adotiva de Luisinha, na existência do diabo – princípio maligno que não participa da doutrina católica na qual o mal não é substância e sim falta de bem. A superstição, em lugar da verdadeira religião, ata, mais uma vez, os homens à ignorância. Fortemente católico, *O Cabeleira* enfatiza a necessidade de educação, de uma instituição que

proporcione o contato entre o homem e Deus por meio dos sacramentos e do uso da razão para que possa agir no caminho da salvação. Gostaria de destacar, porém, a “revisão” empreendida pelo narrador do romance de Távora quanto ao ensinamento católico da pobreza voluntária. “À pobreza, que é na realidade uma desgraça, deve a sociedade atribuir o maior número dos crimes que pune e dos erros e faltas que não se julga com o direito de punir. A pobreza nunca foi nem será jamais um elemento de elevação; ela foi e será sempre um elemento de degradação social” (193). Para combatê-la, deve-se expandir a produção de riqueza. A pobreza é um mal, e um mal que se combate com o progresso da civilização, um problema extrínseco a ela. Em *O Cabeleira* temos a sugestão de que a família, se harmônica e cristã, não passará necessidades (White 180). A de Luisinha é exemplar: “Não tivera ela uma existência de gozos e grandezas, mas nunca lhe faltaram os cômodos que asseguram a vida regrada da família, que, embora pobre, encontra no trabalho e na economia recursos folgados para todas as necessidades até alguns confortos” (146). Flagra-se, aqui, a versão burguesa da oposição nobre / selvagem, a oposição rico / pobre.

Por mais que as classes médias da Europa se indignassem com a aristocracia, o que elas desejavam era antes compartilhar seus privilégios que destruir a distinção entre as partes ‘melhores’ e ‘piores’ da raça humana. Por mais que se ressentissem das prerrogativas herdadas pelos nobres, em geral eles ainda reverenciavam a idéia de uma hierarquia social. Poderiam imaginar que tal hierarquia se baseava no talento e na riqueza, e não no nascimento, mas ainda pressupunham uma humanidade dividida em ‘ricos’ e ‘pobres’” (White 214).

Encaminhando-nos à conclusão, podemos afirmar que, se podem ser levantadas algumas diferenças na operação das categorias civilização e barbárie nas duas obras (com destaque para o diferente lugar que a “religião” nelas ocupa), a dicotomia civilização / barbárie instaura-se plenamente em ambas. Importa destacar que o monologismo as

caracteriza³. Os narradores se adiantam a possíveis dúvidas do leitor, sobrepõem-se às personagens, apresentam julgamentos a todo momento, e, ao final, explicam “a moral da história”. Em ambos os casos, a figura do narrador e do escritor se confundem. Na dicotomia civilização e barbárie instaurada nas obras, o narrador/escritor participa da civilização como todo aquele que se dedica às letras. “Se permanecesse alguma dúvida diante do exposto, de que a luta da república Argentina é só da civilização com a barbárie, bastaria para prová-lo o fato de não se achar ao lado de Rosas um só escritor, um só poeta, dos muitos que possui aquela jovem nação” (Sarmiento 296). Escritor-narrador e leitor, ligados pela prática literária, distanciam-se da barbárie tematizada nas obras (Eagleton 31). Estas têm clara função: instruir o leitor. No caso de *Facundo*, a função específica de mover o leitor contra o “bárbaro governo federalista”, movê-lo a favor da “civilização”, portanto, dos unitários. *O Cabeleira* pretende especialmente convencer da necessidade de salvar o “pobre povo do sertão”, ou seja, de que escolas, igrejas e indústrias cheguem a essas regiões. Tanto no romance de Távora como na obra de Sarmiento, o discurso confiável, afirmado, é o discurso do narrador. A voz do sertanejo/gaúcho não se faz ouvir, a não ser em alguns poucos diálogos fechados. O narrador, porta-voz da civilização, sobrepõe-se às personagens, representantes da barbárie. Para o bem ou para o mal, os sertanejos (e os gaúchos de Sarmiento), não desenvolvendo a inteligência, aproximam-se, além das feras, das crianças.

“A colocação em pé de igualdade de tudo que é suscetível de ser polido (e policiado) não deixa de ter importância: bárbaros, selvagens, gente de província (a *fortiori*: camponeses), jovens (a *fortiori*: crianças) se apresentam como uns tantos paradigmas insubstituíveis. Em comparação com a perfeição do polido, o bárbaro é uma espécie de criança, a criança é uma espécie de bárbaro” (Starobinski 28).

Contra a pena de morte aplicada a *Cabeleira*, brada o narrador: “O interrogatório principal devia ter por objeto os precedentes do culpado, o grau de sua instrução literária, a sua educação, os seus teres” (193).

E acrescenta: "A justiça executou Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza" (192). A defesa de nosso herói passa pela sugestão de que não poderia responsabilizar-se por seus atos por não ter tido estudo ou riquezas. Crescido alheio à civilização, deve ser tutelado e não morto.

Se alguém houvesse dito então a José César [governador da província] que sua pátria em menos de um século riscaria de sua legislação a pena que ele impunha com tamanho arbítrio a três desgraçados a quem faltava a instrução mais elementar, teria ouvido o poderoso agente da realeza metropolitana classificar como uma utopia dos sonhadores do século XVIII esta brilhante conquista de nossas luzes (188).

Àqueles a que falta a instrução mais elementar, não se deve punir como aos instruídos, que, mesmo fazendo bom uso da razão, agem para o mal. Se aproximados às crianças, os bárbaros devem ser tutelados; se às feras, eliminados. Importa que desapareçam, assimilados pela civilização ou destruídos por ela. "O anticivilizado, o bárbaro devem ser postos fora da condição de prejudicar, se não podem ser educados ou convertidos" (Starobinski 33). Pois, desde que a palavra civilização designa um valor, "tudo que a ameaça fará figura de monstro, de mal absoluto" (33). O sertão e os pampas, ameaças à civilização, devem ser desalojados mais de uma vez, até desaparecer. O narrador-escritor, próprio das obras abordadas, espaçoso, sempre presente, ocupa o lugar de agente civilizador, participa, com destaque, do movimento de expansão e aperfeiçoamento da civilização. O monologismo, ou a voz narrativa em sobreposição, articula-se a uma auto-imagem narcísica do escritor, devedora desta concepção de civilização. Assim, este lugar do narrador encontra amparo numa concepção da atividade literária relacionada a uma missão civilizadora de que as novas nações deveriam se ocupar (Appiah 77-82). Parece-nos, e com essa consideração concluímos este trabalho, haver uma relação forte entre a apontada configuração monológica do narrador e o estabelecimento da dicotomia civilização e barbárie.

Ou seja, se num primeiro momento poderíamos supor que as categorias civilização e barbárie seriam tematizadas nas obras, numa leitura mais atenta podemos perceber que participam de algo anterior: a operação dessas categorias determina as próprias estratégias discursivas de *O Cabeleira e Facundo*.

Obras citadas

- Appiah, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai, a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.
- Bakhtin, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.
- Berriel, Carlos E. Ornelas. *Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado*. Campinas: Papyrus, 2000.
- Candido, Antônio. "Literatura e Subdesenvolvimento" *América Latina em sua literatura*. Org. César Fernandez Moreno. São Paulo: Perspectiva, 1960.
- Eagleton, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes: 1994.
- Elias, Norbert. *O Processo civilizador (vol I)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- Gárate, Miriam Viviana. *Civilização e barbárie n'Os sertões*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.
- Mudimbe, V.Y. *The Invention of Africa*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1988.
- Said, Edward. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Facundo; civilização e barbárie no pampa argentino*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
- Starobinski, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Távora, Franklin. *O Cabeleira*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.
- White, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.

Footnotes

¹ Vale lembrar, aqui, que Domingo Faustino Sarmiento esteve exilado alguns anos no Brasil, no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, tornando-se, então, bastante próximo do Imperador D. Pedro II e da intelectualidade brasileira da época, tendo, inclusive, contribuído para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Gárate 21-88).

² Para frisar o caráter convergente "de lugares comuns que circulam no ocidente desde a antigüidade greco-latina" sugerido por Gárate (65), recorremos a Hyden White. Discorrendo sobre a categoria do Homem Selvagem em sua versão medieval, White considera que: "Dos tempos bíblicos aos dias de hoje, a noção de Homem Selvagem esteve associada à idéia de região selvagem – o deserto, a floresta, a selva e as montanhas –, aquelas partes do mundo físico que ainda não haviam sido domesticadas ou demarcadas para a domesticação de algum modo significativo" (173).

³ Tomamos este conceito de Bakhtin. Grosso modo, podemos dizer que Bakhtin alcinha de monológico um romance em que o narrador ocupa lugar sobreposto a personagens e leitor; e dialógico aquele em que o narrador se encontra na mesma posição destes outros elementos narrativos, não tendo ponto de vista privilegiado.

Anita Martins R. de Moraes é Mestre em Literatura Brasileira pela UNICAMP (Campinas-SP, Brasil) e, atualmente, doutoranda em Teoria Literária na mesma universidade. Em sua dissertação de mestrado, *Os limites da civilização na escrita do sertão*, investigou a operação das categorias civilização e barbárie em romances brasileiros. Na atualidade, dedica-se ao estudo de literaturas africanas.